

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 305/2014

DESAFIO DO MOMENTO

Desde os primeiros anos deste século vêm os brasileiros experimentando uma elevação da sua autoestima, sempre deprimida no cotejo com os países mais ricos e chamados civilizados. A liderança incontestada na América do Sul e o reconhecimento do continente africano; os êxitos da economia, do emprego e da distribuição contrastando com um mundo de crise, de desemprego e concentração de renda; a descoberta do Pré-sal e a premiada competência da Petrobrás; a participação no grupo do G-20 e o destaque internacional dos emergentes BRICS; o reconhecimento mundial da liderança de Lula e da qualidade da democracia brasileira; a atenção do mundo voltada para este país que era subconhecido pela sua música e pelo seu futebol, tudo isso levou o nosso povo a pensar, ultimamente, que não é tão inferior aos do primeiro mundo, como pensava antes.

Houve outros momentos históricos desta felicidade surgente: a Abolição da Escravatura e todo o sentimento de Redenção que a acompanhou; a década dos vinte aos trinta do século passado, quando a remodelação do Rio, a grande exposição do Centenário, a industrialização e a semana de arte moderna em São Paulo, e a Revolução que veio do Sul encheram o imaginário brasileiro com a visão do País do Futuro; e os cinquenta anos em cinco de Juscelino Kubitschek com a construção épica de Brasília que tive o privilégio de admirar.

São momentos históricos de desabrochamento do espírito e das realizações de um povo, momentos de “desenvolvimento” de uma nação no sentido largo que a palavra hoje carrega, momentos de fortes transformações que têm uma causação complexa, composta de fatores materiais, econômicos, fatores políticos de mobilização maciça, e fatores psicológicos que alavancam essa mobilização nacional.

Eu ousou dizer, fundado só na minha vivência e no meu sentimento, sem nenhum rigor acadêmico, ousou dizer que o Brasil vem experimentando um desses momentos felizes nos dez anos decorridos entre 2003 e 2013. E observo, com grande preocupação, que esse processo começa a perder dinamismo pelas dificuldades econômicas mundiais que se abatem sobre nós, e pela radicalização política decorrente da inconformidade aguda de uma elite tradicional ameaçada pela ascensão de contingentes populares e alimentada no seu furor por poderes externos interessados no travamento do Brasil. E, agora, de repente, chego a temer que o ânimo psicológico do nosso povo seja abalado pela devastadora decepção no futebol, que é uma das querências principais da alma brasileira, um dos seus justos orgulhos.

Não vou discutir as razões técnicas do grande fracasso mas me pareceu muito fortemente que, no jogo contra a Alemanha, rebentou entre os jogadores brasileiros, depois do segundo gol, aquele velho e inconsciente, arcaico e incontrolável sentimento de inferioridade que sempre nos apequenou perante os ricos (o tal complexo de vira-lata), e que paralisou completamente a nossa seleção, permitindo que os “superiores” dominassem absolutos e fizessem o absurdo de três gols em menos de dez minutos. A seleção brasileira, que de fato era mais fraca, desmoronou psicologicamente.

Não quero dizer com isso, absolutamente, que o povo brasileiro vá desmoronar igualmente, como a sua amada seleção. Mas quero mostrar minha preocupação com as conseqüências da tragédia futebolística sobre o ânimo popular num momento em que o processo de desenvolvimento dos últimos dez anos vem enfrentando entraves econômicos e políticos e, por isso mesmo, carecendo especialmente de uma força psicológica impulsionadora.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 305/2014

E então? E então é reconhecer que não estamos bem de futebol e arrostar o desafio da continuidade do desenvolvimento. Valorizar a realização da Copa, que os adversários anunciavam como um desastre. Se houve fiasco, foi da seleção, mesmo tendo conseguido chegar à semifinal. Mas não foi nem de longe da nossa capacidade de organizar uma bela e exitosa Copa, chegando até a desbaratar uma das quadrilhas da FIFA. E, realizando esta bela Copa, mostrar ao mundo o nosso fascinante país e o nosso maior patrimônio, que não é o nosso futebol nem as nossas riquezas naturais, mas o nosso povo sábio e acolhedor, feliz na sua filosofia de amor à vida.

Então, viva! Vamos torcer pela Argentina, que chegou à final e representa o nosso continente sulamericano no confronto com os dominadores que compram nossos craques a peso de ouro (entre parênteses, eu só torço contra a Argentina num jogo com o Brasil ou com o Uruguai).

E vamos nos regozijar com o fato de sermos o único país a ter conquistado cinco vezes a Copa. E vamos observar, e aplaudir, as resoluções da reunião dos BRICS que se realizará logo em seguida em Fortaleza, decisões destinadas a mudar este mundo dominado pelo grande capital que sempre nos explorou.

E Viva!

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br